

# Corajosas 2





# Corajosas 2

OS CONTO DAS PRINCESAS ~~NADA~~ ENCANTADAS

THAÍS OLIVEIRA

MARIA S. ARAÚJO

QUEREN ANE

ARLENE DINIZ



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2024 por Arlene Diniz, Queren Ane, Maria S. Araújo e Thaís Oliveira

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*Cip-Brasil. Catalogação na publicação*  
*Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

C794

Corajosas 2 : os contos das princesas nada encantadas / Arlene Diniz ... [et al.]. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2024.

352 p.

ISBN 978-65-5988-320-2

1. Ficção cristã. 2. Literatura infantojuvenil brasileira.  
I. Diniz, Arlene.

24-91353

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(81)

*Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439*

*Edição*  
Daniel Faria

*Revisão*  
Ana Luiza Ferreira

*Produção e diagramação*  
Felipe Marques

*Colaboração*  
Gabrielli Casseta

*Ilustração e projeto gráfico*  
Ana Bizuti

*Capa*  
Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão  
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69  
São Paulo, SP, Brasil  
CEP 04810-020  
Telefone: (11) 2127-4147  
[www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

**Categoria:** Literatura  
**1ª edição:** junho de 2024



*Para todas as garotas que estão  
lutando suas guerras.  
Sejam fortes e corajosas.*





“Minha filha, os problemas e tentações de sua vida estão começando e podem ser muitos, mas você pode vencê-los a todos e sobreviver a eles, se aprender a sentir a força e a ternura de nosso Pai Celestial, da mesma forma como você sente a de seu pai terreno. Quanto mais o amar e confiar nele, mais próxima se sentirá dele e menos dependerá do poder e da sabedoria humanos. Seu amor e cuidado jamais se cansam ou mudam, jamais podem ser tirados de você; tornam-se fonte de paz, felicidade e força para a vida inteira.”

Louisa May Alcott, *Mulherzinhas*



# Sumário

1	Flores no deserto	9
	<i>Thaís Oliveira</i>	
2	Coração de guerreira	89
	<i>Maria S. Araújo</i>	
3	Fé sobre ondas	169
	<i>Queren Ane</i>	
4	Cores da liberdade	259
	<i>Arlene Diniz</i>	
	<i>Agradecimentos</i>	345
	<i>Sobre as autoras</i>	350



# *Flores no deserto*

THAÍS OLIVEIRA





Aurora





Assobiando “Não sou tão forte”,\* coloquei o braço para fora da janela. Brinquei com o vento enquanto minha mãe dirigia pela BR-262.

— Aurora, dá pra guardar esse braço? Essa pista é perigosa, filha — mamãe alertou em um tom preocupado.

— Tá — concordei com um muxoxo.

Aquela atitude infantil tinha sido a única coisa divertida da manhã.

Uma espiadinha pelo retrovisor me lembrou quanto meus olhos, de um castanho tão claro quanto mel, ainda estavam vermelhos, as olheiras entregando a noite mal dormida.

— Lembro como se fosse ontem o dia em que seu pai te ensinou a fazer isso... — Mamãe apontou para a janela, os olhos distantes. — Vocês me deixavam maluca.

— É, eu também...

Juntei meus fios dourados em um rabo de cavalo torto. Minha franja, travando uma batalha com o vento, estava mais rebelde do que nunca.

Sem pedir licença, imagens daquele passado nebuloso inundaram minha mente. Já fazia tanto tempo que eu nem tinha certeza do que era real ou não.

\* Marcela Taís.



Foi durante um passeio a Guarapari. Eu já tinha perguntado “A gente já chegou?” mais vezes do que o Burro em *Shrek 2*, quando meu pai colocou o braço para fora e brincou de tentar pegar o vento. Meus lábios, que até então formavam um bico emburrado, relaxaram. Uma gargalhada encheu o carro enquanto mamãe protestava sobre os perigos das autopistas.

Uma sensação agri-doce se espalhou pelo meu peito. Lembrar do meu pai sempre causava essa mistura de saudade e frustração.

— Sinto muito que o Estevão não tenha aparecido — mamãe quebrou o silêncio.

Do outro lado da pista, uma carreta passou na velocidade da luz, buzinando.

— Uhum — foi o que consegui dizer com a garganta apertada.

Nas últimas semanas, meu pai havia prometido que nos encontraríamos antes que eu deixasse Vitória para passar as férias com minha avó e suas irmãs no Recanto das Rosas, um chalé entre as montanhas em Pedra Azul que era um dos pontos turísticos mais famosos da região serrana do Espírito Santo.

Ele disse que tinha conhecido um restaurante com boliche incrível e que estava doido para me levar. Eu não deveria ter criado muita expectativa, mas a ideia de passar algumas horas com meu pai jogando boliche pareceu divertida.

Eu sabia que encontrá-lo depois de três meses sem nos vermos seria estranho. Sobre o que conversaríamos? Parecíamos mais dois estranhos do que pai e filha. E esse estranhamento nem começou depois que ele saiu de casa... Nossa intimidade era tão superficial que ele nem fizera questão de combinar com minha mãe como seriam nossos encontros mensais, já que a guarda era compartilhada.

Ainda assim, o ambiente do boliche e um bom jogo poderiam ajudar a quebrar o gelo, não é mesmo? Pelo menos nos manteria

ocupados. Seria melhor do que sentar diante dele em uma mesa na praça de alimentação de um shopping e conversar amenidades por cinco minutos. Passar disso seria um recorde digno de estar no *Livro dos Recordes*.

Tendo me deixado levar por meu coração bobo, eu tinha ficado animada. Até lavei meu Vans Old Skool branco para usar.

Ontem, depois de me despedir da mamãe e ouvir uma lista infinita de recomendações, desci para esperar meu pai na porta do prédio. Observei as nuvens fofas se tornarem rosas-bebês. Quando o céu ficou escuro e as nuvens deram lugar às estrelas, meus olhos arderam por causa das lágrimas que eu tentava conter.

Uma mensagem em meu celular fez com que elas rolassem de vez.

*Pai: Foi mal, filha. Fiquei preso no trabalho. Vamos ter que adiar o boliche. Papai te ama, tá?*

*“Papai te ama, tá?”*

Ele achava que dizer isso de vez em quando bastava.

Eu já estava grandinha o bastante para saber que ele estava mentindo. Era 2 de janeiro. Meu pai estava de férias.

Por que eu me deixei levar? Meu pai já tinha provado inúmeras vezes que não era lá muito confiável. Não era o tipo de pai com quem se pudesse contar. Mesmo assim, esse coração idiota que eu carregava no peito conseguiu deixar uma chama de esperança se acender mais uma vez.

Sua falta de palavra, porém, fez com que ela se apagasse, e eu não ousaria permitir que se acendesse de novo. Não mesmo.

Desviei o olhar e prestei atenção nas montanhas à nossa volta. Os eucaliptos dançavam suavemente como num balé perfeitamente sincronizado.



Faltava menos de uma hora para chegarmos ao meu lugar favorito, mas, pela primeira vez, eu não estava nem um pouco animada para passar o mês de janeiro no Recanto das Rosas.

— Por que não posso voltar com você, mãe? — questionei pela milésima vez.

— Para passar o mês inteiro trancada naquele apartamento?  
— Ela negou com a cabeça.

— Eu poderia encontrar a Luanna e curtir a praia, ué. Poxa, não há nada de novo em Pedra Azul!

— E o Felipe? Não está animada para encontrar seu melhor amigo? — Ela me fitou por um instante, as sobrancelhas loiras franzidas em seu rosto de feições finas e delicadas.

Seu argumento era bom. É claro que eu estava louca para reencontrar Felipe, mas esse verão não seria como os outros. Ele não poderia passar os dias explorando o Parque Estadual de Pedra Azul comigo.

— Estou, mas ele vai ficar ocupado trabalhando no Bosque Encantado, lembra?

Felipe tinha acabado de fazer dezoito anos e assumiria novas responsabilidades na fazenda ecológica da família.

— Se conheço bem vocês dois, aposto que vão encontrar um jeitinho de se divertirem. — Mamãe sorriu tentando me animar.

Meus lábios, porém, formaram um bico contrariado.

Se ela não usasse suas férias para ganhar um dinheiro extra dando aula em alguns cursinhos de pré-vestibular, eu não precisaria ficar o mês inteiro em Pedra Azul. Mas tocar naquele assunto só a deixaria irritada.

— Quem sabe você não faz novos amigos? A Encantado's é um lugar bacana para encontrar garotas da sua idade. E no grupo jovem da igreja da sua avó — acrescentou.

— Hum... — soltei, insegura.



Mamãe já deveria estar cansada de saber que fazer novas amizades não era uma atividade simples para mim. Não foi ela quem colocou minha mão na palma de Luanna no primeiro dia de aula do segundo ano? Enquanto meus novos colegas de turma brincavam na fila à espera da professora, eu tinha me agarrado a sua perna. Trocar de escola depois de um ano tentando me acostumar aos colegas do primeiro ano parecia um pesadelo.

Quando minha mãe viu que eu estava prestes a chorar e espremer, me levou até uma garotinha com os cabelos de chocolate ao leite mais cheios de molinhas que eu tinha visto e lhe perguntou se ela não se importava de me acompanhar até a sala. Se Luanna achou aquilo tudo estranho, nunca contou.

Só nos tornamos melhores amigas por causa do empurrãozinho da minha mãe.

Ela não poderia me dar um desses de novo. Poderia?

— Você sabe que, se eu pudesse, passaríamos as férias juntas, mas precisamos desse dinheiro extra. — Mamãe afagou meu braço, seu foco na estrada.

— Eu sei...

— Promete que vai tentar se divertir? Hein? — ela insistiu diante do meu silêncio.

— Prometo — concordei mesmo desanimada.

— Essa é a minha garota. — Seu sorriso aumentou.

Ligando o rádio, mamãe deu play em “Cabelo solto”. A voz doce de Marcela Taís foi um convite irresistível. Com os cabelos voando, cantamos juntas em meio a risadas.